

Valdeck Almeida de Jesus*

Os Pretos Brilhantes

"Negam que aqui tem preto, negão. Negam que aqui tem preconceito de cor. Negam a negritude, essa negação".

Chico Cesar



João da Silva acordou bem cedinho naquele domingo, pegou todas as latinhas de tinta, pinceis, solvente, máscara contra cheiro forte de tinta e outros apetrechos e seguiu para a frente do muro de sua casinha de três cômodos na Ladeira da Preguiça. Começou a preencher espaços que estavam vazios, retocar traços, completar o grafite que começara a fazer na sexta-feira anterior. O painel media 1,70m por 5mts, e retratava a luta de amigos e conhecidos. Pessoas vendendo picolé na praia, vendedores de fitinhas do Bonfim, carregadores de compras na Feira de São Joaquim, varredores de rua, comerciantes de produtos diversos, cordeiros da folia momesca, baianas de acarajé. Sinteticamente, João desenhava figuras típicas da Cidade da Alegria, do carnaval e do axé.

Quase pronta a pintura, já no meio dia e com o sol a pino daquele domingo morno, com cara de chove e não molha, ouviu-se gritos no pé da ladeira, aviso combinado de sempre, denunciando aproximação de estranhos ou de policiais. João nem se abalou, já estava acostumado com as invasões, era testemunha de mortes, espancamentos, sumiços de vizinhos. Ele nunca fora agredido, diretamente. Achava que não seria dessa vez, porque não era a polícia militar, menos mal, pensou. Lego engano.

- Você não pode pintar esse muro. Aliás, esse muro não pode

ficar de pé, pois não tem autorização.

- Esse muro eu ergui para proteger minha casa, a única que restou nesse lado da rua, após o desabamento provocado pelas chuvas.

Antes que João terminasse de se explicar o povo foi se juntando, começou o bate-boca, quebra-quebra, empurra daqui e dali, e o muro começou a ser demolido, sob pedidos de "calma", deixa disso, vamos conversar melhor..

Algum tempo antes...

A chuva se abatia há quatro anos sobre a Ladeira da Preguiça e áreas degradadas de Salvador e fazia faxina, varrendo, limpando, espalhando para longe de suas casas moradores, visitantes, vendedores ambulantes e quem mais ousasse circular por vielas, praças, becos, ruas de comércio da parte antiga e valorizada da cidade. A moradia de João da Silva milagrosamente ficou de pé, junto com uma pequena árvore no fundo do quintal. O muro foi levado pela enxurrada junto com escombros, lixo, lama, restos de madeira... O que a tempestade não levou, a prefeitura demoliu, sob a alegação de proteger transeuntes e abrir espaço para a vista da Baía de Todos os Santos.

A chuva era seletiva e fazia uma limpeza étnica e social. As queixas e reclamações nem sempre eram ouvidas e, quando muito, anotadas e deixadas para que o tempo e a chuva levassem pra longe. João estava cansado

daquilo tudo. Sua paciência não aguentaria mais tempo vendo a paisagem ser destruída, casarios tombando morro abaixo, monumentos históricos substituídos por placas de granito, árvores centenárias arrancadas, barraqueiros e comerciantes sem ter de onde tirar o sustento de suas famílias. Moradores do Centro Histórico eram submetidos ao desumano processo de transferência para áreas periféricas, longe dos olhos dos turistas, visitantes e investidores.

João, então, começou um protesto silencioso, através de sua arte. O grafite era seu ópio, através do qual ele divagava, imaginava um novo cenário, uma cidade onde o cidadão pudesse circular livremente, comerciar seus artesanatos, dançar, fazer malabarismos nas praças, cantar e tocar instrumentos, declamar poemas e fazer arte circense.

Ele botou um projeto em prática: pegou latas de tinta, pinceis, máscara de gás e demais apetrechos e começou a pintar muros, paredes, ruas. A chuva tinha lavado até o asfalto, agora de um tom pastel, muito sem graça. As pinturas de João coloriram de preto as ruas, com suaves tons de cinza nas bordas, cores mais escuras ao centro e uma estreita faixa branca para separar fluxos de veículos.

À proporção que a empreitada prosseguia, João arrebanhava seguidores, intelectuais e artesãos que estavam em tocas, casebres, esconderijos. Com o avanço do movimento, os fiscais e apoiadores se enfraqueciam e desistiam do combate ou se convertiam à nova ordem. Ao vê-lo enfrentar o sistema de cores sem sal, os poetas começaram a se reunir, fazer poemas de negritude e declamar em alto e bom som aos quatro ventos; mulheres e crianças seguiram em passeata, ostentando a formosura de seus

cabelos crespos, que encantavam a quem os viam.

Grafitheiros anônimos e pintores encubados começaram a ter coragem de se assumirem e engrossaram o movimento. Em pouco tempo as ruas do Centro Histórico tinham outro aspecto, de beleza rara, com pinturas, palavras, frases, tudo em tinta preta.

Essas manifestações não passaram alheias aos fiscais da cidade, que pintavam de outras cores qualquer arte preta, expulsavam para longe do circuito turístico qualquer pessoa que tivesse cor escura na pele, cabelo encarinhado ou traços que lembrassem África. E a guerra iniciou-se, sempre vencida pela minoria, armada de cassetetes, bombas de efeito moral, gás lacrimogêneo, spray de pimenta, pistola de choque elétrico.

Mas o povo liderado por João persistiu, insistiu, não entregou os pontos. Às vezes recuava, diminuía a marcha e o ritmo da batalha, mas continuava a confabular, tentar novas estratégias, inclusive recuar. Recuou tanto, tanto, que o grupo, antes gigantesco, se resumiu a uns quatro gatos pingados morando junto com João, na casinha sem muro, aos fundos de um terreno onde, na frente, haviam entulhos, memórias demolidas, lixo e restos de outros casebres derrubados pela prefeitura.

Sem muro, a habitação centenária parecia uma trincheira estratégica, mas, ao mesmo tempo, vulnerável, poderia ser invadida a qualquer momento. Temendo isso, João e os demais amigos fizeram uma mureta para proteger sua casinha. Foi aí que a fiscalização endureceu.

Não se sabe se haviam câmeras vigilantes ou se os próprios moradores dos arredores tinham sido arregimentados pelo sistema para denunciar qualquer mu-

dança na paisagem. O certo é que vinte viaturas, com mais de cem homens fortemente armados, munidos de cortas, picaretas, machados e enxadas chegaram e começaram a destruir o grafite, que estava todinho pintado de preto, com imagens de santos, orixás, sol, lua, árvores, letras de música etc.

João ouviu o primeiro baque de uma ferramenta que feriu a cabeça de um anjo negro. Correu pra fora, gritou e protestou, junto com a vizinhança. Não adiantou. O muro foi destruído em menos de vinte minutos. Enquanto os fiscais derrubavam tudo, João e os amigos destruíam o muro que a Secretaria dos Muros e Separações tinha feito para isolar um terreno onde antes haviam casarões históricos tombados, demolidos pela prefeitura.

O protesto foi motivo para prisão e agressões ao grupo, acusado de baderna e vandalismo, agravado pelo fato de eles terem demolido o muro da Secretaria dos Muros... O grupo de fiscais pegou os rapazes, surrou, espancou e levou todo mundo detido. Alguns deles nunca mais foram encontrados. João foi solto meses depois e descobriu, no fundo do quintal de sua casa, covas rasas onde nasciam árvores pretas, com flores pretas, as quais ele batizou com o nome de cada um dos amigos desaparecidos. Quando João morreu, foi enterado no mesmo quintal e, da sua cova, nasceu mais uma árvore preta, brilhante, imensa e florida. Esse fato inusitado motivou encontros ao pé da planta, onde aconteciam rodas de conversas, recitais e saraus poéticos. O bochicho se espalhou pela cidade tão rápido como um milagre.

Procissões de moradores começaram a reverenciar a casa e quintal de João. As sementes das plantações eram levadas para

quintais, praças, jardins e a todo e qualquer espaço onde houvesse terra disponível. As árvores floresciam o tempo todo, e apareceram beija-flores pretos brilhantes que polinizavam dia e noite. E quanto mais flores pretas, mais perfume inundava a cidade, deixando a população feliz e encantada. Em poucos meses tudo estava coberto de beleza exuberante: florestas pretas e com flores pretas, cujo perfume inebriava, encantava, deixava a todos felizes e com elevada autoestima.

As cores de tom pastel dos antigos muros, asfalto, ruas, casas e edifícios foram sendo substituídas pelas cores de tons cinza escuro, cinza claro, cinza brilhante, cinza prateado e várias tonalidades intermediárias de preto brilhante. Até o arco-íris se transformou, alargou-se para caber mais tons de cinza e de preto. O sol, esse escureceu completamente, começou a irradiar uma energia preta, rejuvenescedora. A lua, à noite, se juntou com o negrume e pintou o céu inteiro de preto. ■

* Valdeck Almeida de Jesus (1966) é escritor, poeta, jornalista, ativista cultural e mecenas do Prêmio Galinha Pulando de Literatura desde 2005. Autor de mais de 20 livros, coautor de 150 antologias, tem textos publicados em inglês, português, italiano, alemão, holandês, francês e espanhol. Embaixador do Parlamento Internacional de Escritores da Colômbia, Membro-fundador da União Baiana de Escritores - UBESC e do Fala Escritor (2009), participa de academias de letras e associações de artistas da palavra. Freqüentador do Sarau da Onça, Sarau do Ghetto, Sarau da Paz, Sarau do JACA, Sarau da Raça, Sarau Urbano e outros, todos na periferia de Salvador-BA, o poeta se alimenta desse caldeirão de palavras e rimas, troca experiências e dá sua contribuição à cena literária baiana. Foi presidente do Colegiado Setorial de Literatura do Estado, em 2012/2013. É membro do Conselho Diretivo do Plano Municipal do Livro, da Leitura e da Biblioteca do Município de Salvador, é membro convidado do grupo de pesquisa Rede ao Redor, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos - IHAC/UFBA. Site www.galinhapulando.com